



Vol. 19, nº 2 (2020)

DOI: 10.30681/issn22379304v19n02/2020p122-135

**A CONFIGURAÇÃO DE RETIRANTE: A RELAÇÃO ENTRE
LITERATURA E ARTES PLÁSTICAS**

**THE WITHDRAWAL CONFIGURATION: THE RELATIONSHIP
BETWEEN LITERATURE AND PLASTIC ARTS**

Maria Neli Barreto¹

Recebimento do texto: 31/08/2020

Data de aceite: 30/09/2020

RESUMO: O presente trabalho se propõe a fazer um estudo sobre as obras “Os Retirantes” de Candido Portinari e o primeiro capítulo, intitulado Mudança, da obra “Vidas Secas” de Graciliano Ramos. Pretende-se estabelecer uma relação entre a pintura de Portinari e a obra literária de Graciliano. Ambos com a sua arte retratam a realidade triste do retirante diante da seca e da fome.

Palavras-Chave: Arte. Seca. Retirantes. Relação textual. Sociedade. Contexto histórico.

ABSTRACT: The present work intends to make a study about the works “Os Retirantes” of Candido Portinari and the first chapter, entitled Mudança of Graciliano Ramos. It is intended to establish a relationship between the painting of Portinari and the literary work of Graciliano Ramos. Both with their art portray the sad reality of the retreatant in the face of drought and hunger.

Key Words: Art. Dry. Withdrawals. Textual relationship. Society. Historical context.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso- UNEMAT. E-mail: nelibarretolima@gmail.com



Uma breve introdução

É possível afirmar que há uma relação entre os diferentes tipos de artes. Cada uma, à sua maneira, retrata o mundo ou contexto social em que se insere. Neste artigo, busca-se estabelecer uma relação entre o capítulo “Mudança”, da obra da obra literária “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos, e a tela “Os Retirantes”, de Cândido Portinari. Graciliano Ramos e Candido Portinari deram expressão à seca e ao contexto de tristeza e desolação por ela causada: percebe-se, em cada linha da obra de Graciliano Ramos, bem como nos traços de Portinari, toda miséria e sofrimento vividos. E ainda, a condição nômade que a ausência de chuva e de perspectiva de vida submetem o ser humano. Cada artista, ao seu modo e como sua arte, configura a realidade social vivida no Brasil. De formas distintas, porém com maestria, traduzem a condição penosa vivida pelo retirante que foge da seca. É possível afirmar que as duas obras são reflexos de uma sociedade desigual; que trata o ser humano de maneira cruel.

Análise das obras

O quadro *Os Retirantes* de Candido Portinari, pintado em 1944, é um painel e óleo sobre tela e mede 190 x 180 cm. Integra o grupo de acervo de arte de São Paulo (MASP), A obra retrata uma família de retirantes fugindo da seca e, indo em busca de melhores condições de vida. Os traços são fortes, proporcionando um caráter de realidade à arte.

Portinari utiliza-se de elementos marcantes para constituir o cenário triste e desolador vivenciado. A tela é composta por tons de cinza, tendo ao centro uma família de retirantes, que ocupa quase todo o espaço da tela. Os



personagens são apresentados com contornos escuros dando à obra um tom de peso e angústia. A paisagem seca e sem vida do sertão compõe o fundo da tela. Abaixo imagem da tela *Os Retirantes*:



Na cena fixada por Portinari, pode-se observar o chão duro, provavelmente pela falta de chuva, pedras e ossos espalhados, evidenciando um cenário de morte; há uma montanha ao fundo. Não há nada na paisagem que remeta à vida. A paisagem ao fundo possui uma tonalidade clara, mas o céu é escuro. Nota-se a presença de aves negras que circundam a família, lembram urubus e parecem que aguardam a morte dos membros da família. Há um grupo de aves que descem a solo, aparentam com urubus atacando uma carniça.



Vol. 19, nº 2 (2020)

No conjunto humano, há cinco crianças: três estão em pé e duas no colo. Uma das crianças que está no colo é grande, no entanto raquítica. A imagem desta criança vem com pinceladas escuras, dando a impressão que ela é feita apenas de ossos, causando um impacto em quem observa a tela.

No primeiro plano, é possível observar a presença de uma criança em pé, com uma barriga acentuada e o pescoço fino. A barriga possui um tamanho desproporcional ao corpo, indicando que a criança possui barriga d'água. Doença comum em lugares onde as pessoas consomem água que não recebe tratamento adequado, geralmente provenientes de açudes. A imagem desta criança traduz a extrema pobreza de quem convive com a seca.

Os adultos demonstram um olhar forte, deixando transparecer através do olhar o desespero e a aflição impostas pelas condições em que vivem. Há um homem que carrega uma trouxa nas costas e segura a mão de uma criança; este homem parece olhar fixamente para o pintor; dando a pintura um caráter de retrato. O olhar deste homem deixa-nos a sensação de que há um pedido de socorro; ele necessita de ajuda. Há um desespero presente neste retirante, assim como nos demais. As tristes condições sociais pintadas por Candido Portinari, também permeiam o Romance *Vidas Secas* de Graciliano.

O pirralho não se mexeu, e Fabiano desejou matá-lo. Tinha o coração grosso, queria responsabilizar alguém pela sua desgraça. A seca aparecia-lhe um fato necessário – e obstinação da criança irritava-o. Certamente este obstáculo miúdo não era o culpado, mas dificultava a marcha, e o vaqueiro precisava chegar não sabia onde (RAMOS, 2013, p. 10).



Vol. 19, nº 2 (2020)

A condição de vida é muito difícil, as famílias caminham sem saber ao certo para onde ir; busca-se aceitar com resignação a vida miserável que se leva, no entanto, há momentos em que o desespero invade o coração cansado desses retirantes. Fabiano é prova disso ao desejar matar o próprio filho. Esta atitude de Fabiano aparece como um grito de angústia; de desesperança frente ao instante vivido. O retirante leva em seu âmago, além do estado de miséria e ausência de qualquer condição humana, a incerteza de não saber que caminhos seguir, apenas caminham sem saber ao certo o destino e, nem o que encontram pela frente.

Arrastaram-se para lá, devagar, sinhá Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça, Fabiano sombrio, cambaio, e aió a tiracolo, a cuia pendurada numa correria presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro. O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atrás (RAMOS, 2013, p. 9).

Outro aspecto que merece destaque em “Vidas Secas” é a ausência de nome para os filhos dos retirantes, sendo apenas chamados de “filho mais novo e filho mais velho”; evidenciando a situação de desumanidade do retirante, visto que todo o cidadão, para existir legalmente, possui um nome que o identifica. Se não há nome, não há cidadão.

A descrição do personagem Fabiano, “sombrio” e “cambaio”, também remete-nos atenção. Fabiano representa a figura dos demais retirantes, pessoas judiadas pelas condições climáticas e sociais. A tristeza trazida no semblante e a ausência de forças nas pernas reproduzem todo o sofrimento do nordestino; não somente de Fabiano, há milhares de retirantes que convivem com esta situação cruel.

Ao longo de todo percurso, a caminhada vai se tornando cada vez mais insustentável: “Ainda na véspera eram seis vivos, contando com o



papagaio. Coitado, morrera na areia do rio, onde haviam descansado, à beira de uma poça: a fome apertara demais os retirantes e por ali não existia sinal de comida” (RAMOS, 2013, p. 11).

A fome começa a dizimar membros do grupo de retirantes e, com isso evidencia-se a situação crítica que se agrava a cada dia. Todos estão com fome e a comida parece difícil de ser encontrada. Assim, a saga continua.

A obra de Graciliano representa uma fuga: Fabiano e sua família retiram-se do ambiente de seca, fome e miséria. No primeiro capítulo, que recebe como título “Mudança”, Fabiano junto com a mulher e filhos fogem da seca no sertão nordestino até encontrarem uma fazenda abandonada e, sem condições de continuarem a viagem, eles decidem permanecer na fazenda. Alguns dias depois, a chuva chega ao sertão: “Uma ressurreição. As cores da saúde voltariam à cara triste de sinhá Vitória. Os meninos se esponjariam na terra fofa do chiqueiro das cabras. Chocalhos tilintariam pelos arredores. A catinga ficaria verde” (RAMOS, 2013, p. 16).

O primeiro capítulo termina com este momento em que Fabiano e a família finalmente encontram um lugar para se instalar e a chuva chega ao sertão, no entanto, a sina triste desses retirantes continua ao longo dos próximos capítulos da obra, porém, não serão aqui descritos. *A priori* deu-se ênfase em estudar apenas o início da obra.

As obras no contexto histórico e como representação da realidade social

Sabe-se que a literatura, assim com as outras artes, sofre uma profunda influência do contexto histórico em que foi produzida, sendo assim



oportuno conhecer o contexto da obra para uma melhor compreensão da representação artística.

Devemos levar em conta, pois um nível de realidade e um nível de elaboração da realidade; e também a diferença de perspectiva dos contemporâneos da obra, inclusive o próprio autor, e a da posteridade que ela suscita, determinando variações histórica de função numa estrutura que permanece esteticamente invariável. Em face da ordem formal que o autor estabeleceu para sua matéria, as circunstâncias vão propiciando maneiras diferentes de interpretar, que constituem o destino da obra no tempo (CANDIDO, 2006, p. 177).

Assim, a arte pode ser percebida como uma representação artística da realidade. Nas obras aqui estudadas, a tela *Os Retirantes* e o romance *Vidas Secas* (com ênfase no capítulo: “Mudança”), é nítida a influência histórica e a representação da realidade social. Candido Portinari e Graciliano Ramos transmitem, através da arte, um contexto histórico vivenciado por ambos e, deixam transparecer os reflexos de uma triste realidade social.

Vidas Secas foi escrito na década de 30, momento em que o Brasil e o mundo o viviam uma fase de grandes inquietações políticas. No cenário mundial, Estados Unidos viviam uma grande crise econômica; a Europa superava o fim da Primeira Guerra Mundial; no Brasil, Getúlio Vargas estava no comando e, em 1937, estabeleceu o Estado Novo, com um regime político autoritário e anticomunista.

Em contrapartida a este sistema de governo, Graciliano Ramos, autor de *Vidas Secas*, era influenciado pelas ideias marxistas. Assim, esta obra literária traz em sua essência uma temática social. De um autor que descreve a miséria vivida por um povo, bem como reflete, na literatura produzida, um tom de denúncia social.



Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da cantiga rala (RAMOS, 2013, p. 9).

O tratar das personagens como infelizes explicita a visão que a obra repassa do cidadão nordestino, flagelado pela seca e pela a falta de perspectiva de vida. Fabiano e a família caminhavam dias e mais dias sem saber ao certo para onde ir. A fome é outro aspecto que agravava a situação de desespero desses retirantes.

A paisagem deixa em ênfase o cenário desolador, quando se percebe o ambiente todo seco a volta: o entristecer do cenário, com os rios secos e caatinga rala, traduz a vida das pessoas que se contrastam com todo este ambiente. Há uma completude entre paisagem e o ser humano, ambos consolidam o panorama de angustia concebido naquele lugar.

Em *Vidas Secas*, percebe-se a situação de miséria existente no Nordeste brasileiro. Além de toda a precariedade enfrentada pela população em decorrência dos fatores climáticos, há ainda a exploração sofrida pelos trabalhadores. “Pensou na família, sentiu fome. Caminhando, movia-se como uma coisa, para bem dizer não se diferenciava muito da bolandeira de seu Tomás. Agora, deitado, apertava a barriga e batia os dentes. Que fim teria levado a bolandeira de seu Tomás.” (Ramos, 2013, p.15).

A exploração sofrida pelo trabalhador está explícita na fala do personagem Fabiano, acima citada, no instante que reflete sobre a forma em que vivera com a família quando trabalhavam para seu Tomás da Bolandeira. Em todas as situações estavam fadados à fome e as péssimas condições de vida. Esta difícil realidade social descrita em *Vidas Secas*,



também faz-se presente nos traços de Portinari, em *Os Retirantes*. As duas obras captam, cada uma com suas especificidades, um Brasil que trata as pessoas de maneira desumana.

Vidas Secas é um romance regionalista que faz parte de segunda geração do modernismo brasileiro, momento em que os autores buscavam a consolidação de uma literatura nacional, procurando em sua região a inspiração para sua obra. Graciliano Ramos se encanta pelo o sertão. A literatura ganha caráter social. *Vidas Secas* traz um tom de denúncia da miséria e da exploração que acometiam os nordestinos atingidos pelo fenômeno climático da seca.

A tela *Os Retirantes* de Candido Portinari, por sua vez, é reflexo das recordações do artista quando criança. Os retirantes o impressionavam, especialmente na fase da grande seca de 1915, que matou muita gente e levou à fuga muitas outras. Portinari, ainda menino, via a miséria e ao mesmo tempo a esperança de uma vida nova dos retirantes que passavam pela cidade em que morava (Brodoski, interior de São Paulo).

Portinari passa por uma trajetória interessante de vida até pintar *Os Retirantes*. Aos quinze anos, vai morar no Rio de Janeiro para estudar pintura e, em 1928, ganha a medalha de ouro do salão da Escola Nacional de Belas Artes (Enba). Este prêmio dá ao artista a oportunidade de morar na França pelo período de dois anos. Portinari viaja pela Europa e tem contato com obras de pintores clássicos. Este tempo longe do Brasil serve para que o artista tenha uma visão de afastamento da infância e da vida em sua cidade natal. Algo que posteriormente repercutirá na produção artística por ele desenvolvida.

Portinari retorna ao Brasil em 1931, com um maior entendimento de suas origens. Desta forma, dedica-se a retratar as imagens de sua infância e



do seu povo. Em 1944, pinta *Os Retirantes*. A obra transmite, em sua essência, uma realidade social presente no cerne das lembranças de um artista que dizia não ter entendimento de política. Porém, que não via uma obra neutra, para Portinari o quadro sempre indica um sentido social.

Com efeito, todos sabemos que a literatura, como fenômeno de civilização, depende, para se constituir e caracterizar, do entrelaçamento de vários fatores sociais. Mas, daí a determinar se eles interferem diretamente nas características essenciais de determinada obra, vai um abismo, nem sempre transposto com felicidade. Do mesmo modo, sabemos que a constituição neuroglandular e as primeiras experiências da infância traçam o rumo do nosso modo de ser (CANDIDO, 2006, p. 21).

Portinari entrelaça a vida social com a obra de arte por ele produzida. Os fatores sociais que fizeram parte da infância do pintor exercem forte influência no quadro *Os Retirantes*, demonstrando assim, o que diz Antônio Candido: “que as experiências de infância traçam o rumo do nosso ser”. O contexto histórico e a sociedade estão presentes na construção do artista e na obra por ele realizada. *Criança morta* e *Enterro na rede* são outras obras de Portinari que seguem a mesma conjuntura. *Os Retirantes*, *Criança Morta* e *Enterro na rede* são telas compostas por tonalidades semelhantes. Vejamos abaixo as imagens das telas: *Enterro na rede* (1944) e *Criança morta* (1944).

Ambas possuem como tema a seca, fator climático que causou a migração e a morte de muita gente e, como já foi dito estas imagens constituem as recordações de infância de Candido Portinari. Estas obras ilustram as convicções políticas e a consciência social do artista. A fome e a miséria pintadas nas telas é uma forma de posicionamento contrário à realidade vivida no campo.



A configuração de retirante



Portinari e Graciliano elegend os retirantes para representar todo o ambiente de desolação, miséria e fome vividos por uma parte da população brasileira. No primeiro, esta representação é feita por uma família composta por oito pessoas, sendo três adultos e cinco crianças, todos trazendo semblantes carregados e aparentando um cansaço sem medida.

O panorama é angustiante. Com pinceladas fortes, as imagens representam o penar de um povo que retira-se, não se sabe ao certo para onde. A fome é uma constante companhia, basta observar as imagens que compõem a obra. As pessoas são extremamente magras e os ossos ficam em evidência. A paisagem em que os retirantes estão inseridos completa o cenário de calamidade. Assim como os retirantes, a paisagem é sem vida, não há árvores ou nada que lembre-nos vida. Tudo em volta parece expressar dor e sofrimento. O retirante sofre, a natureza sofre; o mundo a volta está envolto na penúria do retirante.



Em Graciliano Ramos, os retirantes são configurados por uma família composta de quatro membros, acompanhada de um papagaio e da cachorra Baleia.

Miudinhos, perdidos no deserto queimado, os fugitivos agarraram-se, somaram as suas desgraças e os seus pavores. O coração de Fabiano bateu junto do coração de sinhá Vitória, um braço cansado aproximou os farrapos que os cobriam. Resistiram à fraqueza afastaram –se envergonhados, sem ânimo de afrontar de novo a luz dura, receosos de perder a esperança que os alentava (RAMOS, 2013, p. 14).

A família de retirantes caminha pelo sertão levando consigo os pavores de uma vida desgraçada por uma realidade quase insuportável. O cansaço aparentemente chega, no entanto, as pessoas buscam força umas nas outras para tentarem seguir em frente e sobreviver aos dias cada vez mais difíceis. O abraço, sinal de esperança. Caminham sem direção certa, procuram por comida e água, mas não sabem onde encontrar. Diante de tantas adversidades, não podem perder o ânimo e a esperança, caso contrário estão fadados à morte.

O retirar-se marca o local de saída de alguém do seu *Status Quo* em busca do desconhecido. O retirante é alguém que se põe a caminho; busca por um abrigo onde haja condição de vida; perde sua identidade social e, passa a ser mais um na multidão de famintos.

As manchas dos juazeiros tornaram a aparecer, Fabiano aligeirou o passo, esqueceu a fome, a canseira e os ferimentos. As alpercatas dele estavam gastas nos saltos, e a embira tinha-lhe aberto entre os dedos rachaduras muito dolorosas. Os calcanhares, duros como cascos, gretavam-se e sangravam (RAMOS, 2103, p. 12).



Ferimentos e dor são companhias constantes para a família de retirante, porém não há tempo para que a dor seja sentida, é necessário lutar pela sobrevivência. Independente de qualquer coisa, a viagem precisa seguir. Continuar o percurso é a única condição de manter-se vivo.

Considerações Finais

Este texto teve objetivo de trabalhar a relação entre a artes, para tal intento utilizou-se a tela *Os Retirantes*, de Candido Portinari e a obra literária *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, com ênfase no primeiro capítulo, intitulado de “Mudança”. Ambas as obras, cada uma a sua maneira, reproduzem o contexto social ao qual os artistas pertencem, bem como refletem a sociedade em que estavam inseridos.

Portinari e Graciliano estavam inseridos em um contexto histórico conturbado, não somente no Brasil, mas também no mundo. A seca foi eleita tema para as obras aqui trabalhadas. Literatura e artes plásticas retrataram o mesmo tema, bem como repassam o caráter de denúncia social. Uma realidade triste, porém presente na sociedade em que os dois artistas viveram.

A situação climática e os percalços da vida dos retirantes, que fogem da seca, ganham destaque na produção artística de ambos. Vale ressaltar a maestria presente nas obras e a forma como o tema ganha destaque na expressão artística de ambos. Portinari pinta o desespero no olhar de cada retirante e Graciliano, por sua vez, relata este desespero com as palavras.



Referências

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro. Ouro sobre Azul. 2006.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**; posfácio de Hermenegildo Bastos. – 122ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2013.

Os Retirantes. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/quadro-retirantes-de-candido-portinari/> acessado em 25 de julho de 2019.

Enterro na rede. <https://virusdaarte.net/portinari-enterro-na-rede>. Acessado em 25 de julho de 2019.

Criança morta. <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/crianca-morta-candido-portinari/> Acessado em 25 de julho de 2019.